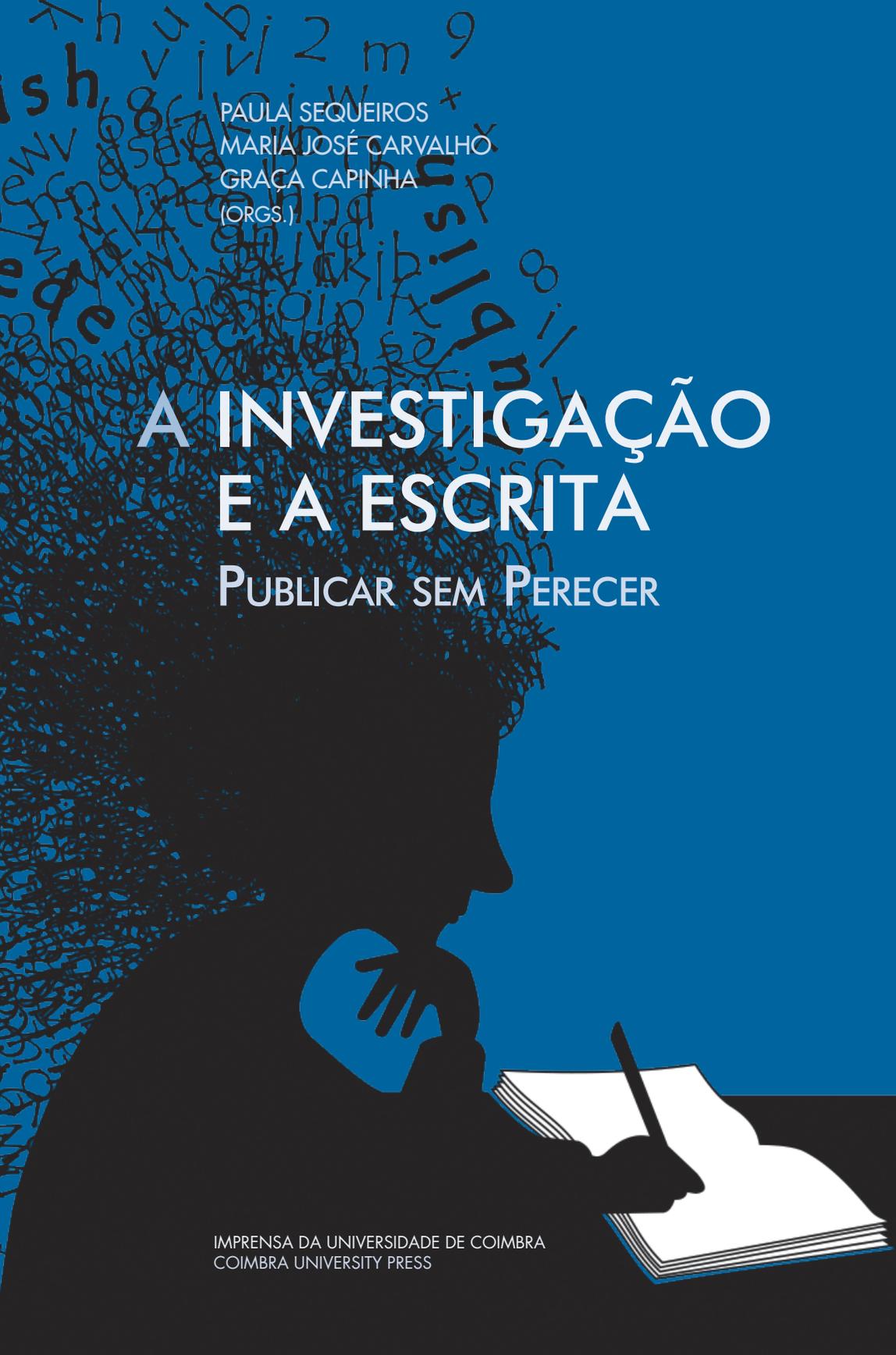


PAULA SEQUEIROS
MARIA JOSÉ CARVALHO
GRAÇA CAPINHA
(ORGS.)

A INVESTIGAÇÃO E A ESCRITA

PUBLICAR SEM PERECER

A silhouette of a person in profile, facing right, is shown writing in a notebook. The person's head is filled with a dense, chaotic cloud of various letters and numbers, representing a state of intense thought or research. The background is a solid blue color.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

A Investigação e a Escrita: Publicar sem Perecer é uma coletânea publicada em Português, a partir de uma experiência de cinco anos de formação avançada extracurricular (*Publicar sem Perecer: Sobreviver ao Turbilhão*), em literacia da informação, escrita e publicação científica.

Esta é uma reflexão e uma problematização do que deve ser o papel da ciência num contexto que, cada vez mais, parece querer reproduzir na academia o mercantilismo de índole neoliberal. Aqui se lê a colaboração de autorias nacionais e internacionais que consideram uma diversidade de campos teóricos e empíricos sobre o fenómeno.

Esta obra pretende ser um contributo para identificar e questionar os problemas daí resultantes, tentando apontar algumas soluções para o mal-estar crescente que se vive no mundo académico.



I N V E S T I G A Ç Ã O



EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

IMAGEM DA CAPA

Imagem inspirada na ilustração de Demirel Selçuk, disponível em:
<http://bibliotecasemrede.blogspot.pt/2010/12/turbilhao-de-ideias.html>

INFOGRAFIA

Mickael Silva

EXECUÇÃO GRÁFICA

Tipografia Beira Alta, Lda.

ISBN

978-989-26-2155-5

ISBN DIGITAL

978-989-26-2156-2

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2156-2>

DEPÓSITO LEGAL

492398/21

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE



ces Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



PAULA SEQUEIROS
MARIA JOSÉ CARVALHO
GRAÇA CAPINHA
(ORGS.)

A INVESTIGAÇÃO E A ESCRITA

PUBLICAR SEM PERECER

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

COMISSÃO CIENTÍFICA

Angélica Lyra de Araújo, Univ. Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Eliezer Araújo, Universidade de Aveiro
Ana Raquel Fernandes, Universidade Europeia
Marinela Freitas, Universidade do Porto
Tânia Leão, Universidade do Porto
Maria Beatriz Marques, Universidade de Coimbra
Hugo Monteiro, Instituto Politécnico do Porto
Cristina Parente, Universidade do Porto
Marleide Rodrigues da Silva Perrude, Univ. Estadual de Londrina
Rogério Miguel Puga, Universidade Nova de Lisboa
Manuel João Rodrigues Quartilho, Universidade de Coimbra
João Queirós, Instituto Politécnico do Porto
Armando Malheiro da Silva, Universidade do Porto
Hermínia Sol, Instituto Politécnico de Tomar
Luciana Melo e Souza, Universidade Federal da Bahia
Inês Pedro Vicente, Universidade Nova de Lisboa
Zuzanna Zarebska, Universidade de Lisboa

SUMÁRIO

Introdução.....	9
<i>Paula Sequeiros, Maria José Paiva Fernandes Carvalho, Graça Capinha</i>	
I - Políticas da Informação e da Disseminação:	
conceitos, acessos, desigualdades	17
Palavras como flores, conceitos como cercas: literacia da informação, desigualdades sociais no ensino superior.....	19
<i>Paula Sequeiros</i>	
Repositório institucional académico da UC e políticas de acesso aberto.....	45
<i>Ana Eva Miguéis</i>	
II - O Ciclo «Publicar em Perecer»:	
o exercício da escuta na aprendizagem e na escrita.....	69
Curso «Publicar sem Perecer»: produção de saberes para uma escrita científica crítica e reflexiva	71
<i>Margarida de Cássia Campos, Marília Veríssimo Veronese</i>	
O Processo da escrita académica: imersão, aprendizagens e desafios	91
<i>Fátima Valéria Ferreira de Souza, Otto Vinicius Agra Figueiredo</i>	
<i>Another brick (against) the wall:</i> o produtivismo académico e a iniciativa «Publicar sem Perecer: sobrevivendo ao turbilhão».....	109
<i>Fernando Laércio Silva, Roberta Guerra</i>	

III - Bibliotecas Académicas:	
o seu papel na expansão da formação para a produção científica.....	131
Bibliotecas universitárias:	
atendimento humanizado e a Biblioteca Norte Sul	133
<i>Maria José Paiva Fernandes Carvalho</i>	
Ateliê dos saberes: o que esperar de uma biblioteca?	161
<i>Rachel Carvalho</i>	
O papel dos gestores de referências bibliográficas	
na produção científica	177
<i>Francisco Freitas</i>	
IV - Consolidação de Saberes. Inscrição e distorção.....	195
Investigação, inscrição, publicação	197
<i>João Arriscado Nunes</i>	
Oferta e procura de investigadores doutorados:	
distorções no Sistema Científico e Tecnológico português	215
<i>Andrés Spognardi, Ana Raquel Matos</i>	
V - Literacias Multilíngues.....	249
Práticas de comunicação científica intercultural na	
capacitação de doutorandos para a academia internacional.....	251
<i>Patrícia Silva</i>	
Algumas reflexões sobre o ensino de escrita académica em inglês	271
<i>Kate Torkington</i>	
VI - Desassossegos na Investigação	295
Ser «jovem» cientista social sem perecer na academia-turbilhão	297
<i>Rita Alcaire, Rita Grácio</i>	
Saúde mental na academia.....	323
<i>Marco Pereira</i>	
VII - Escrita Académica: normas e insubordinações.....	341

Para uma Ciência Parda: uma escrita conform(e)/ada	343
<i>Graça Capinba</i>	
Na senda da voz autoral:	
conformidade, adaptação, questionamento e transgressão	359
<i>Joana Vieira Santos</i>	
Na fronteira das palavras: a ciência, as histórias e os públicos.....	399
<i>Rita Campos</i>	

(Página deixada propositadamente em branco)

**PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA
INTERCULTURAL NA CAPACITAÇÃO DE
DOUTORANDOS PARA A ACADEMIA
INTERNACIONAL**

Patrícia Silva¹

**Centro de Estudos Sociais (CES), Universidade de Coimbra
psm@ces.uc.pt**

Resumo

Este ensaio oferece uma reflexão crítica a partir da experiência de ideação e dinamização da unidade modular «Práticas diversas de preparação de doutorandos para o mundo da academia internacional», no âmbito do ciclo de formação «Publicar sem Perecer: Sobreviver ao Turbilhão», promovido pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. Nele se abordam questões do foro da formação avançada para a investigação, nomeadamente a nível doutoral, relacionadas com particularidades da comunicação científica num contexto internacional e a partir duma abordagem intercultural e plurilingue. A explicação dos objetivos, da estrutura e dos conteúdos da referida sessão de formação, e de desenvolvimentos decorrentes da sua facilitação é complementada por considerações sobre o enquadramento

¹ A presente publicação resulta de trabalho desenvolvido com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, ao abrigo do Financiamento Plurianual de Unidade I&D (UIDP/50012/2020) e do contrato de trabalho DL57/2016/CP1341/CT0010.

teórico de conceitos como a capacitação avançada e a comunicação científica intercultural que lhe estão subjacentes, quer por se relacionarem diretamente com os objetivos que informaram a sua elaboração, quer pelo seu potencial autorreflexivo e de valorização pedagógica da formação complementar para a investigação.

Palavras-Chave: Capacitação doutoral; internacional; comunicação de ciência; interculturalidade; plurilingue.

Abstract

This essay offers a critical reflection based on the experience of planning and facilitating the modular unit «Diverse practices for preparing doctoral students for the world of international academia», part of the «Publish not Perish: Survive the Stampede» training cycle promoted by the Centre for Social Studies (CES) of the University of Coimbra. It addresses questions pertaining to advanced research training, particularly at doctoral level, related with particularities of scientific communication in an international context and from an intercultural and plurilingual approach. The exposition of the objectives, structure and contents of the training session, and of specific developments resulting from its facilitation, is accompanied by considerations about the theoretical framework of its underlying concepts, namely advanced capacitation and intercultural scientific communication — both because of their direct relation to the objectives that informed the unit's elaboration and for their self-reflexive potential, as well as that of adding pedagogical value to supplementary research training.

Keywords: Doctoral capacitation; international; science communication; interculturality; plurilingual.

Contextualização

O aumento substancial do número de estudantes que ingressam na universidade tem ocasionado alterações significativas no ensino superior nacional nas últimas décadas, tornando mais diversificada e heterogénea a população estudantil, quer em termos geracionais e sociais, quer em origem geográfica, registando-se um maior influxo de estudantes estrangeiros, como demonstrado por estudos recentes (Garrido e Prada, 2016, p.19). A Universidade de Coimbra é uma das instituições nas quais a diversificação da população estudantil é notória nos termos referidos, nomeadamente ao nível da pós-graduação. O Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES-UC), enquanto instituição científica de investigação e formação avançada, com oferta de programas doutorais nos domínios das Ciências Sociais e Humanidades, tem vindo a registar um influxo crescente de estudantes estrangeiros, incluindo os/as chamados/as «estudantes não tradicionais», pessoas de diferentes estratos sociais ou pertencentes a minorias culturais e a gerações mais velhas envolvidas em processos de formação ao longo da vida e, em muitos casos, com estatuto de trabalhador/a-estudante (Garrido e Prada, 2016, p.19). Por conseguinte, dado o elevado grau de variabilidade no que diz respeito às origens e à formação prévia dos/as estudantes, afigura-se-nos importante que a formação para a investigação dirigida a doutorandos/as se debruce sobre práticas correntes no contexto europeu, no qual se integra o sistema de ensino superior português. Facultar-se-lhes-á, dessa forma, um conhecimento mais aprofundado do meio académico, no qual desenvolverão a sua investigação, bem como de expectativas comuns quanto à aquisição e comunicação de conhecimento científico nesse contexto, de forma a ultrapassar potenciais desigualdades. Tal contextualização deverá ter em conta quer os programas de cooperação científica na região europeia e as redes interinstitucionais de intercâmbio científico e

de mobilidade transregional de investigadores e estudantes, quer afinidades translocais entre universidades específicas dessa região no respeitante aos públicos-alvo ao nível da formação avançada para a investigação; e, por sua vez, esta deve ser articulada com a atual dimensão global da produção e disseminação científica.

No âmbito das iniciativas de formação avançada em ciências sociais e humanidades promovidas pelo Centro de Estudos Sociais (CES), o ciclo «Publicar sem Perecer: Sobreviver ao Turbilhão» (PSP-ST) oferece formação avançada particularmente vocacionada para estudantes de doutoramento, nomeadamente a estudantes inscritos nos seus programas doutorais. Porém, desde a sua primeira edição, em 2016–2017, tem atraído igualmente investigadores/as em pós-doutoramento ou estágio pós-doutoral com afiliação ao CES, assim como doutorandos e estudantes de pós-graduação de unidades orgânicas da Universidade de Coimbra e, ocasionalmente, de outras universidades. Visando complementar a formação teórica e metodológica curricular ministrada no âmbito dos programas doutorais, este ciclo oferece formações específicas de apoio à investigação em formato modular que podem ser frequentadas de acordo com as necessidades dos/as formandos/as, baseando-se na experiência acumulada da comunidade de investigadores e docentes do CES. Nesse sentido, inclui módulos dedicados a: identificar, aceder e pesquisar as fontes de informação científica; questões processuais, cognitivas e comportamentais envolvidas na investigação e preparação de dissertações doutorais; produção e publicação de informação científica — nomeadamente, questões relativas à escrita científica e à publicação de trabalhos, incluindo informação sobre editoras científicas de referência neste domínio, e a políticas de disseminação e de acesso ao conhecimento científico. Integrando o módulo «Escrita Científica: da frustração à construção» do ciclo, a unidade curricular «Práticas diversas de preparação de doutorandos para o mundo da academia internacional», oferecida em várias edições

(2017 a 2019), visa otimizar a produção escrita de doutorandos/as e investigadores/as juniores nos domínios de estudos referidos acima e, adotando uma abordagem intercultural comparatista, desenvolver competências de comunicação científica em contexto internacional.

Capacitação de doutorandos/as

Ao indicar como objeto de reflexão, no presente ensaio, a «capacitação» de doutorandos/as, adoto uma expressão utilizada por críticos na análise dos estudos científicos avançados. Calvosa, Reossi e Castro evocam o conceito de «capacitação para o conhecimento» proposto por Krogh, Ichijo e Nonaka (2001) como alternativa ao termo «gestão», argumentando que, «não podendo ser controlado, o conhecimento não poderia ser ‘gerido’» (2011, p.108). A resistência ao uso de uma formulação que sugere o controlo do processo de aprendizagem prende-se, segundo os autores, com desafios colocados pela bipartição do conhecimento científico entre explícito e tácito avançada por Nonaka e Takeuchi (1997). Especificamente, o conhecimento científico tácito coloca desafios em termos da aprendizagem, nomeadamente por ser «baseado na informação científica, contudo está relacionado com a experiência e a competência do pesquisador, portanto de difícil sistematização e representação. Diz respeito àquele conhecimento que é mais bem transferido e assimilado informalmente» (Calvosa, Reossi e Castro, 2011, p.107).² A este conhecimento tácito soma-se o conhecimento explícito, que descrevem como «formal e sistematizado, portanto, passível de ser comunicado e partilhado» ou «externalizado, que se traduz no conhecimento cristalizado sob a forma de publicações científicas e bibliográficas» e, portanto, «também passível de ser

² Os autores citam Leite e Costa (2007).

observável e mensurável» (Calvosa, Repossí e Castro, 2011, p.109). Reportando-se ao estágio pós-doutoral, a que se refere o seu estudo quantitativo e qualitativo, Calvosa, Repossí e Castro sublinham «a qualidade eminentemente tácita em que ocorre a interação» no processo de partilha de conhecimento «por meio da socialização» (Calvosa, Repossí e Castro, 2011, pp.107–108).

Embora se reportem ao pós-doutoramento, estas ilações são, a meu ver, igualmente aplicáveis à capacitação de doutorandos/as, a quem não só é exigido que sistematizem e explicitem o conhecimento formal auferido pela investigação por meio da dissertação, mas também que dominem outras competências cuja aquisição é informal e baseada na interação com pares, como descrito por estes autores. Tratando-se, no caso desta última categoria de competências, de um conhecimento implícito, habitualmente transmitido pelo/a orientador/a por orientação direta e ações modelares, o facto é que, com a gradual complexificação das tarefas modulares requeridas ao/à doutorando/a — sobretudo no âmbito de doutoramentos integrados em projetos de investigação colaborativa mais latos — e a fiscalização acrescida do progresso do/a estudante e do seu acompanhamento, tem-se verificado uma progressiva formalização destas aprendizagens com maior explicitação de práticas e procedimentos. Sendo mais difícil de sistematizar, a aquisição deste tipo de conhecimento tácito — que visa complementar a componente científica e curricular da formação doutoral — parece ser favorecida pelo testemunho da experiência de terceiros, que passaram pelo mesmo processo formativo, e pela criação de situações hipotéticas que propiciem o desenvolvimento de tais competências.

Consequentemente, as unidades modulares do ciclo «Publicar sem Perecer» que se debruçam sobre questões processuais, cognitivas e comportamentais envolvidas na investigação e elaboração da dissertação doutoral são, em grande medida, testemunhais. De igual modo, a unidade «Práticas diversas de preparação de

doutorandos para o mundo da academia internacional» baseia-se na minha experiência pessoal no âmbito do meu doutoramento em estudos literários e culturais comparados numa universidade do Reino Unido. A especificidade do doutoramento realizado em universidades de países anglófonos, nomeadamente o facto de não possuírem uma componente curricular, propiciou, a meu ver, o desenvolvimento de programas suplementares de formação avançada para capacitação de doutorandos/as. Durante o meu percurso de pós-graduação, assisti ao progressivo estabelecimento de tais programas, de forma geral oferecidos facultativamente e com estrutura modular, e pude comprovar por experiência própria a sua eficácia para aprendizagens conducentes à obtenção da qualificação doutoral e a sua utilidade para jovens investigadores/as, sobretudo pelo desenvolvimento de competências de autonomização. Foi movida pela convicção de que a familiarização com conteúdos e abordagens desses programas, assim como com boas práticas formativas resultantes da sua experiência acumulada, pode ser útil para doutorandos/as de outros meios académicos, que elaborei a referida sessão. Esta tem por objetivo contribuir para que os/as formandos/as atuem com maior confiança, eficácia e sucesso na esfera académica internacional e, particularmente, em contexto anglófono, tendo em conta que a cultura científica anglófona é aquela com a qual o/a investigador/a mais tende a dialogar atualmente em virtude da internacionalização da ciência.

Por conseguinte, na parte introdutória da sessão reporto-me à formação avançada para a investigação recebida na escola de estudos avançados da Universidade de Londres, à qual tive acesso enquanto estudante de doutoramento numa faculdade então integrada da UL, o *King's College London* (KCL), contextualizando por meio de exemplos concretos. A *School of Advanced Studies* (SAS-UL) é uma instituição congénere ao Centro de Estudos Sociais (CES-UC), que oferece formação avançada a estudantes em pós-graduação nas ciências sociais

e humanidades, possuindo igualmente um número significativo de estudantes internacionais e «não tradicionais». Dado que se tratam de escolas de estudos avançados congéneres, o escrutínio de temáticas e práticas formativas do programa de formação avançada para a investigação da SAS numa abordagem comparativa pode ter utilidade para estudantes do CES. Com esse fito, examino o programa da SAS, destinado a estudantes de pós-graduação e organizado em formato modular por ciclos coincidentes com o ano letivo, destacando alguns módulos direcionados a doutorandos, nomeadamente aqueles que visam desenvolver competências gerais relacionadas com a investigação — tais como *Project Organisation and Management; Applying for Research Funding; Getting Research Published; Organising Successful Academic Events; Giving a Seminar or Conference Paper; Public Speaking; Introduction to Public Engagement* — e competências específicas da formação doutoral, tais como *The PhD Viva* e *Teaching Skills for the PhD Student*. Mais recentemente, estes módulos têm sido complementados por sessões sobre métodos e práticas específicas da investigação em ciências sociais e humanas — tais como *Introduction to Fieldwork; Conducting Interviews: Oral History; Working with Images in Your Research* — e sobre ferramentas específicas de apoio à investigação, nomeadamente *Research software training* e *Library workshops*, com enfoque nas bibliotecas especializadas dos institutos que constituem a SAS. Nessa secção inicial, dou também a conhecer recursos digitais de formação complementar disponíveis em acesso livre nas páginas institucionais da SAS e de um dos seus institutos, o *Institute of Modern Languages Research (IMLR)*, onde recebi esse tipo de formações e, após a obtenção do doutoramento, desenvolvi investigação pós-doutoral (SAS-UL, s.d.a, s.d.b). A exploração comparada destes conteúdos e práticas formativas *vis-à-vis* outros baseados na sua experiência pessoal permite aos/às formandos/as avaliarem algumas das expectativas ao nível de competências num contexto internacional. Pretende-se, ao apresentar tais conteúdos, suscitar a

reflexão e a discussão por parte dos/as formandos/as acerca das competências que consideram necessárias desenvolverem durante, e como parte, da sua formação doutoral e dos meios mais eficazes para o seu desenvolvimento com base nas suas experiências de formação anterior, correntes e potenciais.

Esta abordagem prende-se com o carácter emancipatório e empoderador que atribuo a este tipo de formação avançada enquanto «capacitação para o conhecimento», que assenta, a meu ver, na transferência de maior responsabilidade pelo processo de aprendizagem para os/as formandos/as, fornecendo-lhes ferramentas para a condução mais autónoma não apenas da sua atividade de investigação, mas também da sua própria formação avançada neste domínio. Pretende-se, assim, que doutorandos/as e investigadores/as juniores se assumam enquanto sujeitos informados, fluentes e capazes de recorrer a vários saberes para o seu crescimento profissional. Nesse sentido, foram desenvolvidos esforços complementares, por parte de investigadores do CES, docentes da FLUC e docentes do IMLR (SAS-UL), para estabelecer parcerias colaborativas neste domínio e, no ano académico de 2018–2019, foi celebrado um acordo Erasmus+ de intercâmbio entre a SAS-UL e a FLUC para mobilidade de curta duração, abrangendo professores e estudantes. Embora o acordo durasse apenas até 2020, no seu âmbito foi possível acolher, no CES, Katia Pizzi, responsável pela formação avançada do IMLR, como investigadora visitante por mim convidada, em novembro de 2018. Durante a sua residência no CES, no âmbito dos seus compromissos letivos, Katia Pizzi fez uma apresentação acerca das áreas e recursos de formação para a investigação do IMLR e da SAS-UL a formandos/as dessa edição do «Publicar sem Perecer: Sobreviver ao Turbilhão», numa sessão suplementar à unidade curricular que dinamizo, e reuniu-se com membros da comissão de organização do ciclo para discutir possibilidades de parcerias na formação avançada (que não puderam concretizar-se devido à saída do Reino Unido da União Europeia).

Comunicação científica intercultural

Ao referir a comunicação científica intercultural no âmbito deste tipo da formação avançada, subscrevo o princípio corrente de que «a atitude científica é cultural, ela não é universal e o seu objeto de estudo não é o mesmo nos diferentes países do mundo» (Carial e Ruiz, 2009, p.204). Evocando a tese de Geertz acerca da «variabilidade da cultura» (1973, p.36), Carial e Ruiz sublinham que, sendo o discurso científico — enquanto expressão cultural — variável, a transmissão de conhecimento científico é, por inerência, intercultural. Segundo as autoras, «a interculturalidade manifesta-se pela disposição em partilhar convenções implícitas e explícitas de discurso científico» e, conseqüentemente, permite transcender «a diferença (...) das linguagens científicas» (2009, p.204). Neste âmbito, referem Gumperz —, que sublinhou «the need to master expository styles of science» (1982, p.38) — realçando dessa forma como o discurso científico também está sujeito a variação cultural enquanto estilo expositivo. Por conseguinte, dado que a comunicação científica intercultural pressupõe o compartilhamento de convenções discursivas entre diferentes culturas, esses estilos expositivos são, também eles, passíveis de partilha e aprendizagem conducentes a maior fluência intercultural e a eficácia na comunicação científica. Atendendo à diversidade linguística cultural, a comunicação científica intercultural envolve também, frequentemente, a tradução interlinguística, requerendo competências plurilingues. Especialistas da interculturalidade defendem, aliás, que é da «fusão entre a competência plurilingue e a competência intercultural» que surge a «Competência de Comunicação Intercultural (CCI)», a qual permite «ao sujeito (...) a rentabilização do seu repertório multilingue e multicultural aquando de encontros interculturais e a sua permanente actualização» (Bastos, 2014b, p.44). Em consonância com estas orientações, «o discurso científico europeu tem apelado para a necessidade de promover

competências plurilingues e interculturais» (2014b, p.16). No entanto, as evidências casuísticas demonstram que as competências plurilingues se traduzem geralmente na «capacidade de se expressar numa língua comum (...) tendencialmente o Inglês», enquanto «língua de comunicação global por excelência» (2014b, p.78). De acordo com Gradim, já em 1967, Eugene Garfield, o fundador da atual *Web of Science*, previra que o inglês se assumiria como «língua internacional de ciência», tendo-se a sua hegemonia consolidado com a aceleração do processo de globalização (2018, pp.52–53). Segundo a autora, «[i]diomas supranacionais como o Português e o Espanhol têm potencial para um bom desempenho nos mercados comunicativos, culturais, artísticos e científicos do mundo» (p.62). Porém, observa, «[d]e há muito que em Portugal não existe uma política para o português como língua de ciência. Pelo contrário, a publicação em idiomas além do inglês é ativamente desencorajada, a favor da publicação ‘internacional’, concebida em veículos indexados de língua inglesa» (p.61). Relativamente a este quadro adverte, «[o] inglês como língua franca constitui uma linguagem veicular indispensável para a comunicação científica, mas para aqueles nas periferias as suas deficiências e inadequações devem ser pensadas, assumidas e remediadas» (p.62).

A propósito das «deficiências e inadequações» do inglês como «língua franca» em contextos comumente percecionados como periféricos relativamente aos centros de produção científica apontadas por Gradim, considere-se um estudo de caso sobre o contexto académico português. Baseando-se num *corpus* de traduções de textos científicos de português para inglês, Bennett emprega o conceito de «epistemicídio» — proposto por Boaventura de Sousa Santos (2005, XVIII) para qualificar o silenciamento de outras epistemologias por regimes imperialistas — para caracterizar esse exercício de tradução intercultural. Segundo Bennett, «the process of making a text suitable for publication in the English-

speaking world often involves (...) the complete destruction and reconstruction of the entire infrastructure of the text, with far-reaching consequences as regards the worldview encoded in it» (2007, p.154–55). A pressão crescente para a internacionalização das publicações coloca a investigadores/as de universidades portuguesas o desafio de terem de comunicar os resultados da sua investigação num estilo expositivo que difere significativamente das convenções do discurso científico em português, como argumenta Bennett; o que sucede, aliás, com outras línguas românicas, tais como o francês, que influenciou significativamente o estilo do discurso argumentativo em português. A globalização, ao nível da disseminação do conhecimento científico, ocasionou uma uniformização redutora do discurso científico, defende a autora do estudo, que identifica uma «estrutura e ideologia» comuns às diversas disciplinas e géneros discursivos por contraponto à variabilidade das «linguagens científicas» assinalada por CariaI e Ruiz (p.160). De acordo com Bennett, o esbatimento da variação disciplinar e genérica deve-se à supremacia do discurso científico anglófono de origem positivista — caracterizado como sintético e preciso, com enfoque na clareza, coerência e objetividade, de forma a realçar o objeto de estudo — a partir do século XIX (pp.160–161). Quanto à situação atual, refere que, embora «its claims to be structurally and historically the only appropriate vehicle for knowledge in the modern world have started to be seriously challenged» e «its neutrality has been shown to be linguistically construed», verifica-se que «the hegemony of this discourse seems, if anything, to be consolidating» (p.153). A autora atribui a hegemonia deste estilo discursivo ao facto de se ter tornado no modelo de comunicação privilegiado pelo que designa de «comunidade discursiva», neste caso a comunidade de cientistas, concluindo que «skill in the prescribed discourse is a prerequisite for being taken seriously by the discourse community» (p.153).

Consequentemente, é a adoção do discurso aceite pela comunidade científica que confere autoridade ao enunciado e garante o acesso à publicação em revistas científicas e editoras de referência. De igual modo, dada a hegemonia do inglês enquanto língua internacional de ciência, a fluência na escrita científica nessa língua favorece a disseminação alargada do conhecimento científico transmitido por seu intermédio, otimizando a eficácia na comunicação de ciência. Como nota Rita Queiroz de Barros:

As a consequence of the sustained strategy of internationalization (...), and since the selection of English has proved to be a decisive step in the conquest of global visibility, Portuguese research communities are not only being encouraged to use English for academic purposes more often, but also actively choosing to do so. English is thus a working language for at least some Portuguese researchers these days, and it is gaining ground as a teaching medium. (2014a, pp.105–106)

Esta situação é particularmente premente no caso dos investigadores em início de carreira, para quem a pressão para publicar se afigura decisiva, como é sabido. A este respeito, refletindo sobre o relatório recente do projeto *Early career researchers: the harbingers of change?*, «um estudo qualitativo inédito acerca dos investigadores em início de carreira, questionando a sua posição enquanto precursores da mudança em curso na comunicação científica», Jorge Revez conclui que «é necessário que determinados critérios, conformes ao sistema tradicional, se mantenham em vigor» (2020, p.90). Segundo ele, o «relatório conclui que os vetores da mudança serão as redes sociais, a Ciência Aberta e a colaboração, mas de forma moderada, pois a publicação tradicional em revistas científicas, o sistema de revisão por pares e os meios de avaliação não perderão tão cedo a sua importância» (p.90).

Face a esta realidade, persiste e persistirá a necessidade de se desenvolver competências de capacitação para a publicação na esfera internacional. De igual modo, a capacitação em comunicação científica intercultural passa pelo aprimoramento das competências plurilingues e interlinguísticas, nomeadamente em inglês, a língua internacional de ciência corrente, com vista a reduzir a necessidade de recurso à mediação de terceiros, por via da tradução, e a facultar acesso a meios de disseminação de maior alcance. Com estes fins, algumas das sessões de formação que compõem o módulo «Escrita Científica: da frustração à construção» do ciclo de formação avançada «Publicar sem Perecer: Sobreviver ao Turbilhão» (PSP-ST) possuem um formato plurilingue. Nesse âmbito, também a unidade modular «Práticas diversas de preparação de doutorandos para o mundo da academia internacional», que tem integrado o referido módulo em várias edições do ciclo, visa treinar competências de capacitação para a publicação na esfera internacional com recurso à língua inglesa. Acrescidamente, a formação avançada neste domínio deve incluir também como conteúdos o que Calvosa, Repposi e Castro denominam de «processos de externalização do conhecimento», isto é, os meios e modos de disseminação do conhecimento adquirido por intermédio da investigação, contemplando competências na área da comunicação de ciência (2011, p.109). Estas competências constituem o enfoque principal da segunda parte da unidade «Práticas diversas de preparação de doutorandos para o mundo da academia internacional», sendo abordadas sob o viés da internacionalização do conhecimento científico.

Orientada pelos objetivos acima referidos, na segunda parte da sessão, desafio os/as formandos/as a apresentarem a sua investigação a instituições responsáveis pela publicação de trabalhos científicos, pelo financiamento de projetos de investigação ou pela organização de encontros científicos. Faço-o a partir de casos concretos em língua inglesa e para contextos específicos, nomeadamente resumos (*abstracts*) de propostas de artigos a comissões editoriais de revistas

científicas ou de livros a editoras, de projetos candidatos a financiamento por agências científicas e de comunicações em congressos e outros fóruns científicos. Após uma apresentação esquemática dos aspetos essenciais que devem constar de tais tipos de textos, ilustrada por esboços de projetos no domínio das ciências sociais e humanidades produzidos por falantes nativos de inglês, que são apresentados como modelos textuais de clareza expositiva e eficácia argumentativa, são analisados o teor dos conteúdos e a sua estruturação textual, com especial enfoque nas articulações sintático-semânticas do argumento e no léxico empregue, extrapolando-se as convenções específicas do tipo de texto segundo o estilo expositivo corrente. São depois examinados outros exemplos de resumos de propostas, com vista a identificar a integração e a formulação dos argumentos de acordo com as convenções e os usos idiomáticos identificados, avaliando-se conjuntamente da sua maior ou menor eficácia em expor a informação relativa ao projeto ou produto da investigação e propondo-se alternativas para aprimorar a sua expressão. Nesta fase, são também assinaladas algumas diferenças significativas entre as construções linguísticas e as formulações estilísticas do inglês e as do português. Dada a brevidade dos textos, enquanto resumos de propostas, em conformidade com a convenção da síntese exigida por instituições nos contextos acima referidos, torna-se possível desenvolver vários exercícios a partir delas. Um desses exercícios consiste na produção de um resumo de projeto de investigação que exponha a sua proposta sinteticamente (com limite de palavras) e seguindo as convenções tipológicas identificadas, que é depois lido e comentado por pares durante a sessão. A escrita é precedida por um exercício individual de preparação, que consiste numa série de questões acerca do projeto proposto — nomeadamente quanto a enquadramento teórico, metodologia, objetivos e previsões —, que se pretende que a propiciem. Procura-se, assim, treinar competências plurilingues que possam assistir na

obtenção de financiamento — sendo as candidaturas atualmente submetidas em inglês, também para concursos promovidos por agências nacionais — e de acesso a publicações e a outros fóruns de disseminação com alcance internacional.

Conclusões e considerações de ações futuras

Ao basear-se em exemplos em língua inglesa, a unidade modular «Práticas diversas de preparação de doutorandos para o mundo da academia internacional» pretende contribuir para o desenvolvimento de fluência nas convenções do discurso científico na língua internacional de ciência vigente, sendo que essas competências linguísticas permitirão aos/às doutorandos/as exporem o conhecimento resultante da sua investigação com desenvoltura, fazendo justiça à sua inerente complexidade conceptual e com uma expressão formal clara e elaborada. Procura-se, desta forma, promover a autonomização do/a investigador/a como sujeito discursivo, colmatando ou mitigando os efeitos da adoção prescritiva de convenções que limitam a livre expressão e afetam a infraestrutura de um texto — podendo distorcer a visão do mundo nele codificada —, de que dá conta o conceito de «epistemicídio» no sentido avançado por Bennett. No entanto, é de assinalar a resistência, diretamente observada nas sessões ministradas no âmbito do ciclo, por parte de uma percentagem significativa de formandos/as à prática de escrita em língua inglesa, que se deve em grande parte à insegurança quanto às suas competências linguísticas, mas também em relação ao exercício de escrita de improviso e em tempo real, o que me leva a concluir da necessidade de se incrementar a oferta de acesso gratuito à aprendizagem do inglês, enquanto língua internacional de ciência, no setor terciário, assim como da inclusão de sessões de prática de escrita científica ao nível da formação avançada, independentemente

da língua de comunicação, algo que edições mais recentes do ciclo «Publicar sem Perecer: Sobreviver ao Turbilhão» têm vindo a oferecer às suas formandas e aos seus formandos sob a forma de oficinas de escrita. Acrescidamente, com o objetivo de combater a univocidade ideológica, linguística e estilística, parece-me que os programas suplementares de formação avançada deveriam contemplar também convenções específicas das «línguas científicas» disciplinares de outras culturas com as quais se pretende co-criar (sobretudo em contextos de pesquisa de campo) ou partilhar conhecimento, e por via de outras línguas, recorrendo a corpo docente e a investigadores/as em pós-doutoramento com filiação institucional com outras origens como potenciais (co-)formadores/as das unidades modulares.

Refletindo a partir das questões colocadas pelos/as autores/as supracitados/as, conclui-se que o desenvolvimento de competências de comunicação intercultural do conhecimento científico deve constituir um objetivo de nota na capacitação de estudantes para desenvolverem investigação em contexto académico internacional. Acresce que a comunicação científica intercultural requer o desenvolvimento de outras competências para além das (inter)linguísticas e discursivas, uma vez que o tipo de partilha que proporciona opera outras transformações, quer a nível cognitivo quer comportamental. Segundo Guilherme e Dietz, os processos transculturais desafiam «conventional, internally transmitted cultural *savoir-faires*», levando à emergência de novas competências — tais como as capacidades de análise crítica dos processos de tradução cultural de mundivisões e epistemologias diferentes e potencialmente divergentes — que os autores subsumem na noção de «transcultural competence» (2015, p.8).³ De acordo com os autores, a reconciliação de diferenças é o principal objetivo do desenvolvimento dessas capacidades, sendo

³ Termo cunhado por Pratt em 1952, mas reconceptualizado com maior complexidade por críticos no domínio dos estudos interculturais.

que «comparative, reflexive and in this sense transcultural and ‘diatopical’ perspectives are necessary to perceive nuances and to avoid simplifying essentializations» (2015, p.11). Como estes referem, as abordagens comparativas, reflexivas e transculturais — também no sentido de abrangerem as múltiplas escalas temporais e espaciais dos fenómenos — permitem perceber e explicitar o carácter multiforme e complexo dos processos transculturais implicados na comunicação intercultural. No domínio da produção e da transmissão de conhecimento científico, a adoção desta abordagem, assente num modelo de relativismo cultural, pode mitigar a potencial destabilização ocasionada pelo questionamento e pela revisão de conhecimento prévio e convenções pré-adquiridas à luz de novos conceitos, abordagens e práticas introduzidas por intermédio da partilha intercultural. Por conseguinte, o desenvolvimento das competências transculturais entendidas no sentido proposto por Guilherme e Dietz — como essencialmente pluriculturais, plurilíngues e transdisciplinares, ou seja, assentes no diálogo e no encontro entre diferentes «linguagens científicas» disciplinares — na formação avançada de doutorandos assume especial relevância num momento em que se assume a descolonização do conhecimento científico no ensino terciário e se desenvolvem novos paradigmas de aprendizagem baseados numa «ecologia de saberes», na aceitação da «diversidade epistemológica» e no diálogo com outras epistemologias (Santos, 2007, p.85).

Referências Bibliográficas

- Barros, R. Q. (2014a). Portuguese Academics’ Attitudes to English as the Academic Lingua Franca: A Case-Study. In K. Bennett (ed.), *The Semiperiphery of Academic Writing: Discourses, Communities and Practices*, (105–120). London, N.Y. et al: Palgrave Macmillan.
- Bastos, M. (2014b). *A Competência de Comunicação Intercultural: olhares sobre a natureza do conceito e suas dinâmicas de desenvolvimento*. Aveiro: UA Editora (Cadernos do LALE — série reflexões 6).

- Bennett, K. (2007). Epistemicide! The Tale of a Predatory Discourse. *The Translator*, 13 (2), 151–169.
- Calvosa, M. V. D. & Repositi, M. G., Castro & P. M. R. (março 2011). Avaliação de resultados da capacitação docente: o pós-doutorado na universidade federal fluminense sob a ótica da produção científica e bibliográfica. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, 16 (1), 99–122.
- Cariá, M. & Ruiz, S. S. (2009). Comunicação científica intercultural: olhares cruzados sobre os processos psicológicos e comunicacionais. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 14 (nº. especial), 201–212.
- Garrido, M. V. & Prada, M. (2016). *Manual de Competências Acadêmicas*. Lisboa: Sílabo.
- Geertz, C. (1973). *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*. New York: Basic Books.
- Gradim, A. (jan–jul 2018). Políticas da língua e comunicação de ciência: a importância do multilinguismo no espaço lusófono de conhecimento. *Missões: revista de ciências humanas e sociais*, 4 (2), 52–67.
- Guilherme, M. & Dietz, G. (2015). Difference in diversity: multiple perspectives on multicultural, intercultural, and transcultural conceptual complexities. *Journal of Multicultural Discourses*. 10 (1), 1–21.
- Gumperz, J. J. (1982). *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Revez, J. (2020). Recensão ao texto: Nicholas, D. [et al.] (2018) – Early Career Researchers: The harbingers of change? Final report. CIBER Research. 78 p. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 33 (1), 87–92.
- Santos, B. de S. (2005) General Introduction – Reinventing Social Emancipation: Toward New Manifestos. In: Boaventura de Sousa Santos, (ed.). *Democratizing Democracy: Beyond the Liberal Democratic Canon*. London: Verso, xvii–xxxiii. Acedido a 7 janeiro 2021, em <https://alice.ces.uc.pt/en/index.php/about/where-does-alice-come-from/>.
- (nov. 2007). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estudos – CEBRAP*, 79, São Paulo, 71–94. Acedido a 1 de fevereiro 2021, em <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>.
- SAS-UL (s.d.a). *Online research training*. London: University of London. <http://www.sas.ac.uk/support-research/research-training/online-research-training>.
- (s.d.b). PORT: IMLR Postgraduate online research training. <https://port.sas.ac.uk/course/view.php?id=176>.